

DADIFICULDADE EM SE DEFINIR LATIM VULGAR

Valquíria Maria Mendes BOFF
Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

RESUMO: Buscamos apresentar os obstáculos encontrados na tentativa de definir o que é latim vulgar, a partir das propostas de diversos romanistas e da concepção que os próprios antigos tinham sobre o que eles denominavam *sermo uulgaris*. Nesse estudo, tomamos como essencial a consideração da vasta história desse latim que se distanciava da língua dita, hoje, clássica e, conseqüentemente, de seus diferentes estatutos ao longo do tempo.

Palavras-chave: Letras Clássicas; Linguística Românica; Latim Vulgar; *sermo uulgaris*.

Introdução

O objetivo do presente trabalho é apresentar e discutir as dificuldades com as quais nos deparamos quando tentamos definir o que é latim vulgar. Não pretendemos aqui resolver os problemas que aparecem nas definições já existentes, mas sim mostrar como e por que elas são problemáticas.

O interesse por essas questões surgiu a partir da leitura de *O Problema do Latim Vulgar*, de Maurer (1962). Nesse livro, são discutidas questões como o caráter heterogêneo e homogêneo do latim vulgar¹, sua constituição popular, sua penetração nas classes mais altas, sua expansão pelos territórios do Império e sua gradual evolução até o surgimento das línguas românicas.²

Esses pontos são discutidos por Maurer de forma muito esclarecedora, entretanto, não nos parece que, acerca de um assunto de tamanha complexidade, não haja divergências. Dada a complexidade do assunto, fomos pesquisar as ideias de diversos filólogos e pudemos notar, em meio à dificuldade que existe para caracterizar esse latim que originou as línguas românicas, uma característica presente em todos os autores para definir o latim vulgar: a classe social.

¹ No prefácio de *A Gramática do Latim Vulgar*, Maurer diz ter por objetivo “salientar a unidade essencial do latim vulgar”. Porém, segundo ele, “o latim vulgar nunca constituiu um todo uniforme, sem variantes dialetais”; afinal “em toda língua viva, a unidade existe ao lado da variedade” (1959, p. 6-7).

² Aspectos esses serão tratados com mais profundidade posteriormente neste trabalho.

Sabemos que, no auge do Império Romano, havia uma distinção muito clara entre o latim clássico, usado pela aristocracia, e o latim vulgar, de que fazia uso a plebe. Entretanto, a história da língua latina é muito longa e não se restringe apenas ao momento do apogeu do Império, c. I a.C. e I d.C. Em época anterior, falava-se o latim chamado hoje de arcaico e, como em qualquer outra época, havia diferenças sociais. Porém, não sabemos se isso foi tão forte a ponto de fazer com que houvesse diferenças linguísticas significativas entre a porção mais rica e a mais pobre, como na época do Império.

Podemos pensar que, talvez, nesse momento, não houvesse uma diferença tão significativa entre o que viria a ser o latim clássico e o vulgar: segundo Maurer (1962, p. 59), o latim vulgar teria surgido entre os anos 250 e 200 a. C., assim como para Väänänen (1968, p. 35), que data seu nascimento ao fim do período arcaico, durante a fixação do próprio latim “comum”.³ Podemos, seguindo o raciocínio de Meillet (1933) de que o latim teria surgido como um dialeto do indo-europeu, pensar que o latim vulgar nasceu como um dialeto⁴ do latim que se utilizava na região do Lácio, ainda que nos pareça mais provável que ele tenha surgido como uma variedade linguística condicionada pelo uso e pela classe social, que, se não era ainda explícita para a sociedade, como no período clássico, estava, ao menos, latente.⁵

Embora seja interessante considerar o estatuto do latim vulgar em suas diferentes fases (ou seja, como variedade, dialeto ou língua) e nos diversos períodos (o que configuraria um real estudo diacrônico), não é nosso intuito aqui abarcar todas as fases do latim (isso não caberia em uma monografia). Pretendemos, assim, realizar um levantamento das definições modernas do que venha a ser o Latim Vulgar e problematizá-las.

I. A problemática em se definir latim vulgar

Väänänen teria razão ao repetir as palavras que ele diz ser do consagrado latinista Einar Löfstedt: “na realidade, não se chegará jamais a definir latim vulgar de uma maneira lógica, incontestável e adequada”.⁶ Assim como ele, Silva Neto também assume essa dificuldade dizendo que “Não foi fácil problema estabelecer, rigorosamente, o conceito de latim vulgar” (1957, p. 11).

³ Segundo Ilari (1992, p. 64), o latim arcaico vai do século VI a. C. Ao século III a. C. e o latim clássico, do século II a. C. ao século V d. C.

⁴ *Variedade linguística regional ou social, mais ou menos identificável. Toda língua que se usa numa área relativamente extensa é falada de maneiras diferentes conforme os lugares: são seus dialetos regionais. Além disso, mesmo em uma única comunidade, a língua pode ser falada de maneiras distintas pelos membros dos diversos grupo sociais: essas formas diferentes são dialetos sociais ou socioletos* (TRASK, 2004, p. 79).

⁵ As fontes escritas mais importantes do latim arcaico são as 21 comédias de Plauto que nos restaram e as 6 de Terêncio. Por serem comédias, permitem a inserção de barbarismos e vulgarismos e, talvez, possam refletir tanto a fala da plebe, quanto do mais culto. Segundo Cardoso (2006), em *Estico de Plauto*, já se tentou caracterizar as comédias de Plauto como exemplo de latim coloquial, de caráter popular, mas hoje já não se considera que elas reflitam a linguagem falada de seu tempo. Entretanto, acreditamos que, por mais que as comédias não possam funcionar como um espelho da língua falada na época, a caracterização das personagens através de uma linguagem estilizada certamente não era infundada, o que nos permite pensar que, talvez, ela guarde aspectos que nos remetam à realidade.

⁶ *En realidad, no se llegará jamás a definir el latín vulgar de una manera lógica, incontestable y adecuada* (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 32).

De fato, muitas são as definições a que se chega na tentativa de explicar o que seja latim vulgar. Além disso os estudiosos não costumam explicitar a época a que fazem referência quando definem o latim vulgar e, como veremos adiante, considerando que ele foi se modificando (assim como seu estatuto) ao longo do tempo, podemos dizer que uma definição cabível para o latim vulgar da época de Cícero, talvez não seja para o do século III ou IV d.C., visto que a sociedade já havia passado por inúmeras mudanças e, com ela, também a língua.

Para entender essa dificuldade, recorreremos aos romanistas contemporâneos, nos atendo principalmente às definições de Basseto (2001), Ilari (1992), Lausberg (1965), Maurer (1962), Silva Neto (1957) e Väänänen (1968). Na leitura desses autores, pudemos notar que as categorias usadas na definição do termo são praticamente as mesmas, apesar de uma ou outra receber mais ou menos ênfase em cada autor. Comparamos as proposições desses autores dentro de cada um dos critérios utilizados por eles, na tentativa de apontar suas semelhanças e diferenças.

1.1. Variação vertical e horizontal

A variação vertical é um dos aspectos que mais aparece como categoria de definição nos autores. A partir desse ponto de vista, caracteriza-se o latim de acordo com a camada social em que seus falantes estão inseridos, ou seja, de acordo com o nível de instrução, a atividade profissional, a qualidade de vida do falante. Silva Neto diz que “o latim vulgar é a fala diária da maior parte da população, elementos esses que compunham a camada social inferior” (1957, p. 30). Segundo Basseto, o *sermo plebeius* era essencialmente falado e era a norma da porção menos favorecida da sociedade. Essa porção da sociedade era tão desprezada pela aristocracia que esse latim foi ignorado pelos estudiosos romanos, mas era vivo e real, tanto que acabou por originar as línguas românicas (2001, p. 92).

Como argumenta Maurer (1962), tendo em vista que uma sociedade e sua língua são indissociáveis, as diferentes variedades faladas refletem as diferentes sociedades que viviam em Roma: de um lado, uma sociedade rica, aristocrática e conservadora; de outro, uma sociedade pobre, plebéia e aberta a todas as influências (cf. ILARI, 1992). Considerando essas diferenças tão fortes entre os costumes e as condições de vida desses grupos sociais, não podemos pensar que elas utilizassem a língua da mesma maneira; afinal, um povo educado, voltado à intelectualidade, com costumes elegantes e sentimentos refinados, certamente se expressará de modo diferente de um povo que não teve acesso à cultura formal e à escrita, com costumes simples e pouco conforto material (MAURER, *ibid.*, p. 106).

Um exemplo disso na literatura é a *Cena Trimalchionis*, (capítulos 27 a 78 da obra *Satyricon*, de Petrónio), que relata o banquete dado por Trimalquião, um novo rico. Nessa seção da obra, esse personagem é mostrado fazendo uso de uma variante mais popular da língua latina, assim como os personagens de camadas sociais mais baixas. Isso mostra que Trimalquião, mesmo tendo muito dinheiro, não possuía o refinamento dos nobres romanos. Segundo Adamik (1990, p. 1 *apud* BIANCHET, 2004, p. 291), para alguns autores, o uso de formas consideradas vulgares em *Satyricon* não foi à toa, mas com a intenção de caracterizar as personagens das classes mais inferiores.

A partir do século II d. C., época de Trajano, o Império começa a ruir. Em decorrência da descentralização e do enfraquecimento político por que Roma passava, o território começou a ficar suscetível às invasões dos povos bárbaros, que acabam por depor Rômulo Augústulo, em 476, marcando o fim do Império Romano (ILARI, 1992, p. 46). A fim de se proteger e se adaptar às intensas invasões no Império, as pessoas começam a mudar seu modo de vida, abandonando a vida urbana e começando a viver no campo. Com os poucos recursos com que passam a viver, o padrão de vida e os próprios costumes da mais alta aristocracia começam a se modificar e, com eles, também a língua. De acordo com Maurer, o aniquilamento da vida urbana arruinou o latim mais requintado e “o que continuou vivo foi a *rustica romana lingua*, latim pobre e humilde das populações campesinas e dos habitantes das vilas e aldeias” (*ibid.*, p. 113). Lausberg diz que

No processo de romanização do Império, processo este que acaba por abranger também as camadas mais profundas, a língua cotidiana do homem comum, do lavrador, do soldado, do comerciante, do escravo, enfim, o chamado *latim vulgar* (*sermo vulgaris, plebeius, quotidianus, rusticus*)⁷ desempenhou, com o andar do tempo, um papel mais importante do que a língua literária da camada superior romana (1965, p. 48).

Portanto, não podemos falar que o latim vulgar seja o latim falado apenas pela camada pobre da sociedade em qualquer época e em qualquer lugar. Essa definição deve ser localizada no tempo, pois com o processo de ruralização que aconteceu em todo o Império Romano, podemos dizer que, depois de um tempo, até o mais rico dos homens tinha como língua o latim vulgar. Deve ser também localizada no espaço, porque, com a expansão do Império, o latim se difundiu em muitas regiões.

A expansão territorial, ocorrida entre os séculos V a. C. e II d. C. (ILARI, 1992, p. 42) desencadeia outro fator considerado por muitos autores: a variação horizontal, que se refere às diferenças linguísticas entre os moradores das diferentes regiões do Império Romano, que se tornava mais vasto a cada nova conquista. Roma conquistou em pouco mais de meio século toda a Itália peninsular; tomou de Cartago, vencendo a primeira Guerra Púnica, a Sicília, a Sardenha e a Córsega; dominou, ao norte, a Ligúria, a Ilíria e a Gália Cisalpina; estabeleceu, após vencer a segunda Guerra Púnica, colônias na Ibéria; tomou parte do território da Anatólia; submeteu a Macedônia e a Grécia; submeteu Cartago ao fim da terceira Guerra Púnica; conquistou, por fim, a Lusitânia e a Gália Narbonense, dominando, assim, toda a Europa mediterrânea e ainda alguns territórios da África e da Ásia (*id., ibid.*, p. 42-44). Essas conquistas eram realizadas por soldados e as pessoas que se instalavam nessas novas áreas a serem colonizadas eram do povo, humildes. Segundo Maurer, “a colonização romana das regiões conquistadas, fator precípua da latinização, se fez sobretudo com a massa popular constituída da plebe romana e de grande número de elementos por ela assimilados” (1962, p.106). Portanto, a língua que esses povos colonizados aprendiam era o latim vulgar, da plebe.

⁷ Lausberg considera o latim vulgar como uma língua única, falada por toda a camada mais baixa da sociedade. Entretanto, devemos atentar para o fato de que essa camada era bastante heterogênea e que cada parte dela tinha sua própria maneira de se expressar, seus próprios jargões e que, portanto, não podemos pensar em *sermo vulgaris, plebeius, quotidianus* ou *rusticus* como formas idênticas do latim vulgar.

Essa língua vulgar, como era de se esperar, não permaneceu estática na boca dos povos colonizados, mas foi fortemente influenciada pelas línguas com as quais entrou em contato; logo, em cada lugar dominado se tinha um tipo diferente de latim, em decorrência dos diferentes substratos,⁸ que, segundo Basseto (2001, p. 153), eram muitos, por causa da grande diversidade de povos na Itália antiga. Isso aconteceu porque os povos dominados acabavam adotando com certa facilidade o latim, pois ele estava ligado ao prestígio dos conquistadores (*id., ibid.*). Entretanto, aplicavam características (como pronúncia, prosódia, léxico, sintaxe) de sua própria língua ao latim que passavam a falar. Essas características, muitas vezes, perderam-se nas regiões mais fortemente romanizadas, porém, em alguns lugares, provocaram inovações que, segundo Ilari (1992), foram o ponto de partida para a dialeção do latim.

Além da importância dos substratos no processo de evolução do latim vulgar, temos a influência dos superstratos,⁹ idiomas, sobretudo de origem germânica, que entraram em contato com o latim a partir das invasões dos povos chamados bárbaros.

Para Lausberg,

Quanto ao aspecto geográfico, em consequência do trânsito e intercâmbio que percorriam todo o Império, existiu uma nítida tendência para a uniformização da língua e para o nivelamento das diferenças regionais do latim, originadas pelo respectivo substrato. Esta tendência, porém, nunca resultou num êxito completo: as diferenças regionais herdadas mantiveram-se e, com o desenvolvimento do Império que terminou com a sua dissolução, juntaram-se-lhes até outras novas (1965, p. 49).

Dessa forma, o latim vulgar falado em Roma pode ser diferenciado das línguas faladas nas diversas províncias do Império a partir do aspecto da variação horizontal. Porém, devemos notar que, apesar de todas levarem o nome de latim vulgar, as línguas faladas nas províncias possuíam diferenças, haja vista os diferentes substratos com que entraram em contato, ou seja, ao entrar em contato com diferentes línguas nos diferentes territórios, o latim vulgar acabou modificando-se de uma forma em cada lugar e essas modificações foram se acentuando até que originaram as línguas românicas, diferentes entre si, mas com certas semelhanças que denunciam a origem comum.

1.2. Homogeneidade e heterogeneidade

A partir dessas questões de diferenciação espacial, surge a discussão sobre a unidade do latim vulgar. Enquanto o latim clássico possuía um respaldo na escrita e, por isso, tinha uma unidade notável e não estava muito sujeito a mudanças, o latim vulgar, por ser eminentemente falado, submetia-se mais facilmente às influências externas e, dessa forma, foi derivando para variedades regionais que acabaram por dar origem às línguas românicas (cf. ILARI, 1992). Além disso, o latim vulgar viveu por muito tempo, o espaço de tempo disponível para que ele se transformasse foi muito grande.

⁸ Substrato pode ser definido como “as marcas linguísticas advindas do povo que abandona seu idioma, levadas para a língua que passa a adotar” e cuja ação “depende de causas sociais, políticas, históricas e até estilísticas” (BASSETO, 2001, p. 153 e 154).

⁹ Superstrato designa as influências do idioma do povo dominador no idioma do povo dominado (BASSETO, 2001, p. 157).

Väänänen diz que

O latim vulgar (...) compreende os estados sucessivos desde a fixação do latim comum, no fim do período arcaico, até a véspera da adequação por escrito de textos em língua romance; não se excluem, pois, nem as variações sociais, nem as regionais.¹⁰

Logo, o fato de que ele esteve submetido a mudanças desde a época de Plauto até o fim da Antiguidade torna ainda mais compreensível sua heterogeneidade.

Para Lausberg, “o latim vulgar não era uma língua uniforme: nem no aspecto social, nem no aspecto cronológico e geográfico” (1965, p. 49). De fato, diferentes povos em diferentes lugares e diferentes épocas que falaram o latim vulgar certamente não o falaram da mesma maneira.

Entretanto, devemos nos ater também à relativa homogeneidade da língua, visto que todas as línguas que se originaram dela têm muita coisa em comum, por mais sutil que seja às vezes. Isso fica evidente se nos ativermos ao número de concordâncias nas línguas românicas tanto na fonética, como na morfologia, na sintaxe e no léxico, que, como afirma Maurer (1962, p. 178), sugerem uma unidade notável, embora não absoluta do latim vulgar. Por exemplo, a palavra *rosa*, em português, tem os equivalentes *rosa*, em espanhol, italiano e catalão, *rose*, em francês, e *roz*, em romeno. Essa semelhança no léxico dessas línguas, que se originaram todas do latim vulgar, mostra que esse possuiu, em algum momento, uma significativa unidade, ainda que, com o tempo, tenha se diferenciado nos diferentes lugares. Maurer (*ibid.*, p. 177) atenta para o fato de que enquanto nos estudos românicos do século XIX era comum por parte dos linguistas a tentativa de uma reconstrução homogênea do latim vulgar, visto que eles desconheciam a imensa variedade dialetal existente já na época do Império, hoje pecamos ao ignorar aspectos dessa variedade.¹¹

Também é importante lembrar que o latim vulgar que se espalhou pelo Império nasceu antes da colonização das províncias. Maurer (*ibid.*, p. 180) afirma que no fim do período republicano, o latim falado pelas classes mais baixas ocorria apenas em Roma e seus arredores e que sua unidade original se deu entre o fim da República e o início do Império. Dessa forma, podemos concluir que, por ter nascido em um espaço relativamente restrito, o latim vulgar tenha surgido com significativa unidade, que, mesmo que tenha diminuído em decorrência dos já comentados substratos e superstratos com os quais entrou em contato, não desapareceu por completo (pelo contrário, os modificou).

1.3. Língua falada X Língua escrita

Outro fator de caracterização do latim vulgar é a oposição entre língua falada e língua escrita. Muitas vezes, o latim vulgar e o latim clássico foram erroneamente relacionados, respectivamente, à língua falada e à língua escrita (ILARI, 1992, p. 61). Mas “o latim vulgar (...) não era simplesmente o latim falado de Roma, em oposição a um latim literário criado

¹⁰ *el latín vulgar (...) comprende los estados sucesivos desde la fijación del latín común, al terminar el período arcaico, hasta la víspera de la consignación por escrito de textos en lengua romance; no se excluyen, pues, ni las variaciones sociales ni aun las regionales* (1968, p. 35).

¹¹ O ‘hoje’ de Maurer faz referência a algumas décadas atrás. Hodiernamente tem-se olhado, ou, ao menos, buscado olhar para essa variedade dialetal.

artificialmente” (MAURER, 1962, p. 138). De fato, o latim vulgar foi uma língua essencialmente falada que aparece raríssimas vezes nos textos escritos;¹² entretanto, devemos lembrar que o latim clássico além de ser a língua usada na literatura, era a língua falada pelas camadas mais altas da sociedade.

Lausberg estabelece uma distinção entre língua escrita e língua falada não em relação ao latim clássico e o vulgar, mas dentro do próprio latim clássico. Segundo ele,

também a fala quotidiana das pessoas cultas não alcançou o nível gramatical e retórico da língua literária. Assim encontra-se abaixo da língua escrita uma variedade de falas mais ou menos vulgares, que só raras vezes nos são documentadas na fixação por escrito (1965, p. 48).

Apreende-se do comentário de Lausberg que ele considera a presença de uma língua cotidiana da aristocracia, menos refinada, mas que não chega a ser a língua vulgar. Contudo, sua afirmação parece ser um tanto taxativa ao considerar que a fala cotidiana da aristocracia não possa alcançar “um nível gramatical e retórico” semelhante ao da língua literária, pois, a depender da situação cotidiana do falante culto, ele poderia lançar mão sim de uma fala mais burilada.¹³ Pensemos, por exemplo, nos discursos de Cícero, proferidos no Senado, ou mesmo, conversando informalmente com César. Nas *Epistulae ad Familiares* de Cícero temos um extenso exemplo do uso do latim puramente clássico em contexto informal.¹⁴

Dessa forma, concluímos que o latim vulgar não deve ser jamais definido como latim falado, pois, além dele e da linguagem literária, uma outra variedade ainda é usada na fala da aristocracia e essa linguagem não é, nem de longe, o latim vulgar.

Também há asserções que pretendem definir o latim vulgar a partir de sua oposição com a língua clássica, como faz, por exemplo, Väänänen: “O termo latim vulgar, consagrado por um uso centenário para designar os diversos fenômenos latinos que não estão de acordo com as normas clássicas”¹⁵. Creio que essa tentativa seja um pouco simplificadora, pois não diz o que ele é, mas apenas o que ele tem ou não de semelhante com a língua literária, que, por causa dos textos escritos, conhecemos bem.

¹² Existem textos que opõem intencionalmente duas formas de latim, como, por exemplo, o *Appendix Probi*, que traz uma lista com mais de 200 “erros” e suas correções. Há também obras em que o latim vulgar penetra parcialmente, como a *Peregrinatio* ou o *Satyricon*. Podemos ainda encontrar vulgarismos nas inscrições latinas, sobretudo nas tabuinhas execratórias. É importante ressaltar que não são textos de latim vulgar, mas exemplos em que aparecem vulgarismos, características da língua vulgar.

¹³ Pensemos que o latim clássico, literário, nada mais é do que uma estilização do *sermo urbanus* (cf. Bassetto, p. 91).

¹⁴ Bassetto (2001, p. 90) traduz a passagem de Cícero em *Ad Familiares*, IX, 21: *Que pareço eu a ti nas cartas? Não pareço tratar contigo na língua do povo... Pois costumamos tecer as cartas com as palavras do dia a dia. (Quid tibi ego in epistulis uideor? Nonne plebeio sermone agere tecum... Epistulas vero cotidianis verbis texere solemus).*

¹⁵ *El término latín vulgar, consagrado por un uso centenario para designar los diversos fenómenos latinos que no están de acuerdo con las normas clásicas* (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 31).

1.4. Variedade Linguística

Uma maneira de definir considerada por alguns romanistas, e que parece fazer muito sentido, é pensar latim vulgar como uma variedade linguística. A maioria dos autores usa o termo “língua vulgar”, mas, provavelmente, sem querer significar que o latim vulgar seja, de fato, uma língua diferente da língua clássica; afinal, havia grandes diferenças entre as duas, mas essas não eram tão grandes para que fossem consideradas duas línguas diferentes. Maurer afirma que “se pensar em duas línguas é errôneo, os fatos nos obrigam, entretanto, a distinguir duas correntes vivas na língua falada desde uma época bastante antiga” (1962, p. 92).

Silva Neto, por sua vez, propõe quatro correntes da língua falada, se tomarmos emprestado a terminologia usada por Maurer:

podemos admitir quatro matizes da língua corrente: familiar (latim das classes médias, dos honestiores – influenciado pela urbanitas); vulgar (latim das baixas camadas da população, dos escravos); gírias (militar, dos gladiadores, dos marinheiros, etc); provincial. Afinal cada um desses estilos do latim é a soma dos estilos dos membros da respectiva classe social (1957, p. 27).

Ilari considera também a situação de fala dizendo que “Não fica excluído que essa variedade pudesse ser falada também pela aristocracia em situações extremamente informais” (1992, p. 60). De fato, é provável que isso acontecesse quando, por exemplo, um aristocrata fosse falar com seu escravo, mas, em situações informais com sua família ou seus amigos eles poderiam até usar uma forma mais desprendida da língua clássica, mas dificilmente o latim vulgar, visto que ele era considerado tão baixo que nem os gramáticos da época lhe davam atenção.

Silva Neto, a fim de afirmar que o latim clássico e o vulgar são apenas variedades da mesma língua, o latim, diz que “não se pode deixar de aplaudir a Marx quando ele assevera que, em todos os lugares e em todos os tempos, só houve um único latim, o qual dominou todas as camadas da população e foi tão ricamente diferenciado como os indivíduos que o falavam” (1957, p. 22). Entretanto, ao dizer que “em todos os lugares e em todos os tempos só houve um único latim” o autor parece desconsiderar que havia o latim clássico, que o espaço e o tempo fizeram com que deixasse de existir como língua de uso, e, além disso, o latim vulgar (também diferente a depender do tipo de falante) das diferentes províncias, que se transformou de diferentes maneiras nos diferentes lugares a ponto de resultar nas línguas românicas.

Conclusão

A partir da análise das definições dos autores contemporâneos, fomos levados a pensar que, apesar de corretas, elas nos deixam lacunas. Estão corretas, dado que definem o latim vulgar através de suas características (como a homogeneidade e a heterogeneidade ou o fato de ser, sobretudo, falado) e de seu uso (que, como vimos anteriormente, depende de fatores sociais e espaciais), em contrapartida, apresentam lacunas, porque não localizam essas características no tempo e no espaço.

Considerando que o latim vulgar já estava constituído quando o latim clássico atingiu seu apogeu, conviveu com ele e sobreviveu a ele, não podemos pensar nele sem considerar sua evolução (no sentido de mudança) no tempo. Dessa forma, fica claro que, para defini-lo de maneira mais clara, a análise dos diferentes critérios usados deve ser feita considerando um mesmo período, visto que, uma única caracterização que sirva para toda a sua existência não existe.

Como a história do latim vulgar é muito vasta, fica pressuposta a necessidade de um estudo diacrônico para que se possa abarcar sua totalidade, portanto, os autores não escolhem para análise uma época delimitada, na qual não tenha ocorrido nenhuma mudança muito significativa na língua, na história e na sociedade, mas sim toda a época em que se passou a história do latim vulgar.

Segundo Saussure, a diacronia não exclui a sincronia¹⁶ (1974, p. 112). Lausberg diria que “A sincronia propriamente dita é um momento dentro do fluir contínuo da diacronia, da história” (1965, p. 13). Dessa forma, acreditamos que, no caso do latim vulgar, a soma de estudos sincrônicos deve compor o estudo diacrônico, ou seja, analisando as características estáticas da língua e da sociedade em cada época e lugar separadamente, seria possível, posteriormente, comparar essas “fases” e demonstrar a evolução ocorrida, tanto na sua história interna quanto externa, de forma mais completa e com menos lacunas, visto que, assim, estudaríamos as características da língua vulgar (e seu estatuto) restritas a cada época e não um aspecto de uma época, outro de outra, como encontramos nos estudos atuais.

BIBLIOGRAFIA

- BASSETO, B. F. (2001). *Filologia Românica*, Editora da Universidade de São Paulo, SP.
- BATTISTI, C. (1949). *Avviamento allo Studio del Latino Volgare*, Editora Leonardo da Vinci, Bari.
- CARDOSO, I. T. (2006). *Estico de Plauto*, Editora Unicamp, Campinas.
- HOFMANN, J. B. (1980). *La lingua d’uso latina, Pàtron*, Bologna.
- ILARI, R. (1992). *Linguística Românica*, Editora Ática, SP.
- LAUSBERG, H. (1965). *Linguística Românica*, Editoda Gredos, Madrid.
- MAURER Jr., T. H. (1959). *Gramática do Latim Vulgar*, Editora Acadêmica, RJ.
- MAURER Jr., T. H. (1962). *O Problema do Latim Vulgar*, Editora Acadêmica, RJ.
- MEILLET, A. (1977). *Esquisse d’une Histoire de la Langue Latine*, Klincksieck, Paris.
- PETRÔNIO. (2004). *Satyricon*. Tradução e Posfácio de Sandra Braga Bianchet, Crisálida, Belo Horizonte.
- RENZI, L. (1994). *Nuova Introduzione alla Filologia Romanza*, Editora Il Mulino, Bologna.
- SAUSSURE, F. (1974). *Curso de Linguística Geral*, Editora Cultrix, São Paulo.

¹⁶ A linguística sincrônica estuda as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua; a linguística diacrônica, os termos sucessivos que se substituem ao longo do tempo (SAUSSURE, 1974, p. 163).

SILVA NETO, S. (1957). História do Latim Vulgar, Editora Acadêmica, RJ.

TRASK, R. L. (2004). Dicionário de Linguagem e Linguística. Tradução de Rodolfo Ilari, Editora Contexto, São Paulo..

VÄÄNÄNEN, V. (1968). Introducción al Latín Vulgar, Editora Gredos, Madrid.